

Viagem

CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

Literária

COAUTORES

FLÁVIA PRATA

GABRIELA LAUZID K. LINS

GIOVANA ALVES

MARTA KINO

MAURÍCIO BENEDETI

PRILA LELIZA CALADO

WANDA ROP

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

selo
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização e projeto editorial: Elenir Alves

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO, CRÔNICA OU POEMA

Reencontro, por Flávia Prata, pág. 05
No coche, por Gabriela Lauzid K. Lins, pág. 08
Ave mágica, por Gabriela Lauzid K. Lins, pág. 10
A arte de trocar a fita, por Giovana Alves, pág. 18
Dona Cidinha, por Marta Kino, pág. 21
O crime de cine municipal, por Marta Kino, pág. 25
O arbusto, por Maurício Benedeti, pág. 29
Sujeitos implicados, por Prila Leliza Calado, pág. 33
Eu sou!, por Wanda Rop, pág. 38
O amor, por Wanda Rop, pág. 40
Conheça outros títulos da coleção, pág. 43

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima
www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



"A vida é uma tempestade (...) Um dia você está tomando sol e no dia seguinte o mar te lança contra as rochas. O que faz de você um homem é o que você faz quando a tempestade vem." — O Conde de Monte Cristo, Alexandre Dumas

A dramatic landscape featuring a railway track that curves through a lush green field. The sky is filled with large, textured clouds, with a bright light source breaking through near the horizon, creating a soft glow. The overall mood is contemplative and evocative.

APRESENTAMOS A CRÔNICA

REENCONTRO

Por Flávia Prata

Flávia Prata é uma profissional da saúde, mas também apaixonada pelas palavras e pelo ser humano.

Mãe, esposa, cirurgiã dentista que encontrou na escrita uma forma de expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos e de compreender melhor a si mesma e o mundo que a cerca.

Depois de 25 anos elas se reencontraram!
Benditas sejam as redes sociais que permitem os reencontros e a proximidade, superando a distância física.

Tudo começou com uma troca de mensagens, lembrando os tempos em que uma era a aluna e a outra, a professora num curso de pós graduação de uma Universidade Federal. E bastaram poucas palavras trocadas pelo aplicativo para que os laços se reestabelecessem, e mais que isso, para que as afinidades e gostos viessem à tona. E quanta coisa em comum havia entre elas...

A profissão escolhida, o gosto por moda, os interesses políticos, a religião, algumas semelhanças físicas e até o interesse por astrologia . Aliás os signos das duas eram os mais compatíveis do zodíaco.

As conversas virtuais tornaram-se um alento e uma válvula de escape para os dias turbulentos que viviam. Em plena pandemia, enquanto a regra era isolamento físico, elas aproximaram os corações. Em dias de máscaras cobrindo os rostos, as almas foram expostas pela cumplicidade.

Descartaram os títulos, aluna e professora. Tornaram - se amigas.

Após alguns meses de conversas diárias, finalmente o primeiro encontro .

Numa tarde de domingo chuvoso, a que um dia fora a professora, tornava-se agora a anfitriã.

Esperou à porta e sorriu dando boas vindas. Sorrisos, uma certa reserva e muita curiosidade. Afinal o que esperar daquela visita inusitada...?

A ex-aluna sorriu de volta, um tanto tímida. Nas mãos um terço e uma Bíblia, como um mimo para marcar aquele reencontro. No peito, um misto de ansiedade, alegria e timidez. Em questão de instantes as reservas de uma caíram por terra e a curiosidade se desfez. A timidez da outra ficou esquecida lá fora.

Se uma era tagarela, a outra não ficava para trás.

E conversaram!

Uma conversa acompanhada de café fresco, pão de queijo quentinho e bolo de côco.

Relembrou pessoas conhecidas, falou de filhos, família, profissão. Falaram de si!
Trocaram ideias, fizeram projetos.

Não se sabe se conversaram por 3 minutos ou por três horas. Gostar tem disso, a gente não vê o tempo passar. Quando se sente bem, o tempo não é medido em minutos, mas sim em nível de encantamento e felicidade que proporciona.

Esse foi o primeiro encontro de tantos outros e veio para consolidar uma amizade recheada de trocas, confissões, sintonia e muita afinidade.

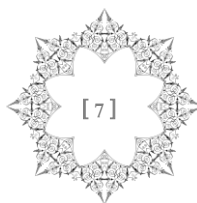
E no aconchego daquela sala de jantar, entre conversas, sorrisos e café, a amizade foi selada.

A despedida foi permeada de alegria por aquele reencontro e marcada pelas promessas de novos encontros.

Um dia a aluna quis rever a professora. Em instantes descobriram-se amigas. Amigas de almas. Amigas irmãs.

E assim elas seguiram, entre uma troca de mensagens e outra, uma viagem para um novo encontro. Entre conselhos, confissões e conversas sérias, muitas risadas e uma leveza sem igual.

E como o tempo é aliado do bem querer, o que as duas mais desejam é que essa amizade seja eternizada.





APRESENTAMOS O POEMA

NO COCHE

Por Gabriela Lauzid K. Lins

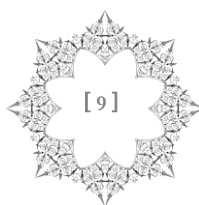
Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).

O vento frio embaça o vidro
À vista, um bambu pende cansado
E árvores de candelabros
Verdejantes como citrino

Pelo sol, eu alvidro...
Mas gotas de orvalho infinito
Preenchem meu seio inquieto
Com promessas de abrigo.

Por entre tantas árvores
A distante jura paira
Sob a nuvem que descolore

E antes que te apavores
Reze para que alcances a praia
Do remanso que te melhore.



APRESENTAMOS O CONTO

AVE MÁGICA

Por Gabriela Lauzid K. Lins

Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).



O sol se erguia vigoroso, num poderoso tom alaranjado. Magnífico, como uma pintura romântica nuançada aos traços de Geraldo Teixeira: vívido, capaz de encher os olhos e roubar seu último fôlego. Este nostálgico céu, eu o busquei em tantos outros lugares, mas só encontrei por aqui.

Por entre as verdejantes curvas do Rio Guamá, a singela montaria deslizava sob as viçosas águas do verão amazônico. A valente correnteza disputava força com o barqueiro que a dominava ao remo. A tenra mata que enlaçava o rio era a mesma que nos convidava a adentrar o esplendor popular.

Eu estava muito atrasada para encontrar minhas colegas. Havíamos marcado pela manhã, e, no entanto, eu saíra de casa no início da tarde. Também, como se não fosse o suficiente, auxiliava-me nesta viagem a pessoa mais vagarosa de toda a região.

A falante companhia que me guiava até o encontro de meus conhecidos enchia meus ouvidos com seus improváveis causos fantásticos. Relatou de uma vez, em sua adolescência, quando afobado perdera a hora num rock doido da capital. Preocupado com a pisa que levaria de sua saudosa mãe, decidiu cortar caminho pela rua do cemitério Santa Izabel, às duas da madrugada.

O homem ia contando sua história na qual, diga-se de passagem, eu não estava muito interessada. Para ser sincera, naquele momento duas opções pairavam em meus pensamentos: ou eu gostaria de chegar logo no encontro, ou eu gostaria de estar apreciando a vista ao som da atrevida água que insistia em molhar a minha face com ternos respingos. No entanto, o motorista parecia ser uma pessoa carente e infelizmente tinha depositado em mim a esperança de amenizar sua solidão durante aquela trajetória.

— Às duas da madrugada — disse ele retomando seu relato —, ouvi passos ferozes e gritos atordoados que mais pareciam um bicho do que uma visagem.

Gesticulando exageradamente, seus movimentos adicionavam à narrativa certo hiperbolismo que complementava a atmosfera por ele pretendida. Contou-me que deu de

encontro com um homem — todo torto —, acrescentou. O tal ser, dizia ele, contorcia-se em dor, grunhindo como uma besta-fera.

— Diante dos meus olhos, menina, ele se contorceu e retorceu até encolher. Pelos surgiam em cima de mais pelos. — Ele quase me fazia acreditar em suas palavras. — O bicho entortou até virar um porco! Bem na minha frente! Te juro!

Ele riu espalhafatoso e meu riso, contido, acompanhou sua alegria. Tão inocente ele era, que não chegou a perceber que eu o iludia ao dizer que acreditava em cada palavra sua. Tal simpatia de minha parte pareceu dar brechas para mais e mais relatos estrambólicos sobre as visagens que ele enfrentara em suas experiências. Logo me surgiu com outro conto. Alegou lembrar-se da vez que a Mãe d'Água quase roubou seu coração e seu remo por causa de turistas.

Dizia ele recordar-se de uma época quando acompanhara um colega até o Centro-Oeste.

— Lá a gente trabalhou descendo os turistas pelo Rio Paraná. — Fez uma pausa dramática — Uns mocosos teimosos teimaram em fazer a travessia na noite de lua cheia, sendo que o rapaz que trabalhava com a gente e que morava por lá já tinha dito que não era boa ideia e que não ia de jeito nenhum com a gente. Mas aí já viu, né? — Ele deu de ombros. — Fomos nós três, então: eu e os dois turistas.

Enquanto o homem falava, o sol despedia-se em meio ao azulado horizonte púrpuro. Eu poderia estar imaginando coisas, mas pelo tempo navegado, nós já deveríamos ter chegado ao encontro de minhas colegas... Francamente, independente do meu atraso, se ele fosse um pouquinho mais rápido e parasse de jogar conversa fora... Mas nada eu poderia fazer. Éramos nós dois deslizando sobre um rio de correnteza forte, e eu com certeza ficaria refém da escuridão e do colete caso me jogasse na água e optasse por ir nadando.

Enfim pus a mão amassando minha bochecha para apoiar a cabeça. Suspirei, impaciente, e então tornei a prestar atenção ao que o homem dizia, pois cheguei à

conclusão de que em uma situação como aquela o melhor a se fazer era desfrutar da história e aguardar a chegada. Ele falava a respeito das personalidades dos dois turistas: um era extremamente ativo e arrogante e o outro era um pobre pomba-lesa mosca morta.

Eis que, em determinado momento, toparam em alguma coisa que, com um bruto solavanco, estremeceu a embarcação, pegando os navegantes de surpresa

— Quase vira a barca! — exclamou o homem.

Com o barco empacado, o mais metido obrigou-o a descer em plena escuridão para averiguar o problema e buscar por uma solução.

— Eu tava cabreiro, né?

— O senhor desceu? — perguntei aflita, deixando-me levar pela história. Algo na feição do homem me fez acreditar que minha empolgação o deleitou.

— Claro! Mana, quando a gente precisa de dinheiro tem que aguentar as pavulagens dos outros, infelizmente, né?

Senti como se ele tivesse me alfinetado por causa de meu suspiro impaciente. Corei. Não pude deixar de me sentir um pouco mal pelo moço. Estaria eu sendo tão chata quanto o turista de sua história?

— Ao descer do barco, logo percebi não estar sozinho nas águas escuras daquela noite. Tive medo que pudesse ser um jacaré. Já matei muita surucucu nessas viagens, mas jacaré nunca. — Contou com certo nervosismo aparente, mas ao iniciar a segunda parte de seu relato, pareceu-me calmo. — Os olhos que olhavam profundamente dentro dos meus eram negros como caroços de açaí e brilhavam como as estrelas mais próximas.

Perdeu-se em seu próprio devaneio por alguns segundos, como se ainda sonhasse com aqueles olhos.

— A dona daquele penetrante olhar segurava meu remo com as duas mãos, muda, escondida por entre a folhagem... Eu sinto — apalpou o próprio peito com certo ar teatral — que ela queria dizer algo, mas não disse nada...

Não o fez pois o ignorante afobado berrou exageradamente alto, apressando-o a resolver a situação. O grito fora tão forte e desnecessário que poderia até ser capaz de reviver o mais antigo defunto ali desovado, mas, em vez disso, simplesmente assustou a bela moça, fazendo-a largar o remo e sumir pelas águas do rio. Contou que ficara hipnotizado pelo momento eternizando em seu coração.

— O turista mais bobão apontou para o horizonte onde o rio se prolongava e, sob a luz da lua, a gente viu um rabo de peixe gigante bater conta a água... Foi muito lindo. Eles não viram a mulher, então para eles não passava de um bicho mesmo... Mas eu sabia. — Ele suspirou, perdido em seus pensamentos. — Durante meses, tudo o que eu conseguia pensar era na profundidade mágica de seu olhar... Até que meu amigo me levou a um curandeiro que prometeu me fazer esquecer dela...

Então ele fez uma longa pausa, foi quando percebi que estava absorta pela história. Não sei se foi o tédio, ou se foi a intensa sinceridade com que o homem interpretava seu relato, mas por alguma razão, eu me vi interessada no desfecho.

— E você esqueceu? — perguntei, àquela altura já encantada pela história.

— Até hoje sonho em encontrar ela pelas águas... — Ele olhou para a água que atirava respingos frescos em sua face. — Nessas águas...

De toda a viagem, aquele foi o período mais longo que passamos em silêncio e, por algum motivo, senti-me tão desconfortável a ponto de eu mesma buscar algum assunto que extinguisse aquela sensação sufocante. Foi quando dei atenção ao vaso de plantas posicionado estrategicamente seguro ao fundo da lancha.

— E essa planta? — perguntei hesitante, buscando desesperadamente por um diálogo.

— É uma tamba-tajá, é sempre bom ter uma em casa. — A voz dele me acalmou.

— É mesmo? E porquê?

— Bom, é uma planta que simboliza o amor. — Perguntou com um novo semblante a se formar.

— Entendo... — Suspirei aliviada, uma vez que o homem recuperara sua postura e se dispusera a conversar novamente.

Ele me contou que a história dessa planta envolvia o amor de um homem que, desgraçado pelo infortúnio da vida, teve sua amada acometida por uma grave paralisia. O amor, no entanto, impediu que a abandonasse. Teceu uma tipoia e passou a levá-la consigo para onde fosse. Certo dia, no entanto, sua amada faleceu... O homem ficou tão triste que se enterrou junto ao corpo dela. Suas formas deram origem à planta tamba-tajá.

— Quando se tem uma planta dessa, e ela cresce bonita e forte, trazendo no verso a imagem da folha menor, é sinal de que sua casa tem muito amor — disse ele, sorrindo.

— Égua, eu morria e não sabia dessa história... Tenho certeza que será um lindo presente pra tua esposa.

— Moro sozinho, não tenho mulher. É mais pra mim, mesmo. — Riu melancólico, fitando a prateada lua que se erguia no céu. Um canto de ave melancólico soou ao luar — Olha aí meu compadre sofredor. E essa história, tu conheces?

— Qual história? — Perguntei confusa.

— Esse choro agudo que tu estás escutando. — Ele fez um gesto para que eu ouvisse atentamente — O povo Bororo conta da ave que se apaixonou pela lua e que nunca teve seu amor correspondido. Ela passa as noites sorrindo e chorando, esperando ter seu amor reconhecido. Essa triste ave é o jurutaí.

Eu estava hipnotizada. Talvez eu estivesse certa antes, talvez ele realmente fosse carente e solitário e por isso insistisse tanto em conversar comigo. Mas agora, afeiçoada a ele, eu me vi torcendo pelo nosso atraso, curiosa pelo que mais ele tivesse para compartilhar.

— Estamos chegando... — Disse ele, fitando o horizonte.

Mas é claro que a partir do momento em que a conversa se tornara algo prazeroso para mim, o universo conspiraria para que o tempo fosse contra a minha vontade de estar com esse moço. Ao horizonte, pude ver minhas colegas animadas, acenando para mim, prontas para me receber.

— Certo. — Não pude esconder o desânimo na minha voz. — Passamos horas conversando e percebi que nem sei seu nome. Meu nome é Isabel.

— Tu podes me chamar de Uirapuru. — Ele sorriu de uma forma que, pela primeira vez, notei o quão bonito ele era.

— Como o pássaro? — Dei um tímido sorriso, envergonhada com meu pensamento.

— Sim, como o pássaro. Meu pai, um pouco depois de conhecer minha mãe na Vila da Pedra, em Irituia, levou um uirapuru de presente.

— Nossa, que lindo... Sonho em ter um, mas não consigo imaginar criando uma ave presa em uma gaiola, tu me entendes?

— Ela também não. Por isso que assim que segurou tomou posse da gaiola, ela o libertou.

Eu sorri, não soube como responder ao fato que ele acabara de contar, mas Deus sabe como fiquei feliz pela liberdade dada ao passarinho. Poderia nem ser verdade, como o resto de suas histórias, mas algo me fez feliz.

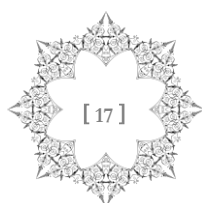
— Você sabia que algumas pessoas consideram o uirapuru um pássaro mágico? Dizem que quem encontra com a ave pode ter um único pedido realizado. — De forma lenta, a lancha foi freando, até chocar-se gentilmente contra a terra. Minhas amigas correram para me receber. Levantei-me bastante dolorida, após horas sentada em uma posição nada favorável para minha coluna, e também um tanto contrariada.

— Um pedido, é? — Segurei em sua mão para que pudesse sair da lancha. — Acho que tudo o que eu queria neste momento era que fosse manhãzinha pra eu aproveitar o

dia, como eu e minhas amigas tínhamos planejado ontem. — Eu ri, culpando-me por não ter saído mais cedo de casa — Foi um prazer conhecer você, Uirapuru. Espero sinceramente vê-lo de novo. — No entanto, quando me voltei para despedir-me do gentil falador, era um desconhecido que me auxiliava na saída.

O majestoso céu ao horizonte era quente e ameno, das cores da manhã. Com cautela, terminei de sair da lancha e fui ao encontro de minhas amigas. A palafita era um singelo abrigo adornado pela verde floresta. Ainda um pouco confusa, lancei meu olhar por cima do ombro em direção à densa mata. Uma estranha sensação percorria minha espinha, como algo estivesse me observando.

Acabei apreciando algumas folhas amarelas que pendiam, fadigadas. Minhas amigas me provocaram, guiando-me até a entrada da casa. Foi quando um longo e melódico canto ressoou por dentro do arvoredos, despertando em mim uma afável tentação...





APRESENTAMOS A CRÔNICA
A ARTE DE TROCAR A FITA

Por Giovana Alves

Me chamo Giovana, tenho 23 anos e sou estudante de jornalismo. Aprendi a escrever muito jovem, a escrita apareceu para mim como resistência ao meu silêncio. Tudo o que as dores queriam silenciar, a escrita me dava voz. É meu jeito de me comunicar e me conectar com o mundo. Aos 9 anos ganhei um concurso de poesia da escola, depois disso eu nunca mais parei de escrever, plantaram em mim a certeza de que eu precisava continuar. Nasceu ali uma Giovana autora da própria história e da poesia que vive em si mesma.

Corriqueiramente a vida nos empurra lições e há quem ainda não compreenda que no fundo a vida nada mais é do que uma eterna escola. Um dia eu precisei respirar novos ares, sair de cena como dizem por aí, sair da ilha que sou para finalmente me enxergar como realmente sou.

De certo modo duvidei da capacidade da vida de me empurrar lições no lugar que eu julgava menos lúcido possível, não sei em que momento me convenci de que sabedoria e lucidez estavam entrelaçados de maneira tão grotesca, haja preconceito para se desconstruir nessa nossa longa caminhada. Em uma manhã cinzenta (confesso que não no tempo, aqui dentro), éramos vários sentados em círculos falando sobre os problemas que no mundo afora não tínhamos mais espaço para falar, era como se ali naquele círculo nossa mente desse voltas em torno das coisas que incessantemente dóiam no nosso íntimo.

No meu círculo, fugindo do olhar que me convidava a me abrir para todos, alguém me chamou atenção por uma pressa de fazer o oposto do que eu tanto relutava a fazer. Um senhor, impaciente como quem tem um horário a cumprir, interrompia todas as dolorosas falas repetindo:

— Trocou a fita? Eu posso falar?

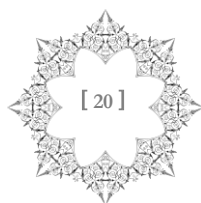
Engana-se quem acha que existia ali uma pressa para falar de dor. Existia uma pressa para adentrar todos no seu mundo fantasioso, um mundo que não condizia com a dor que existia na trajetória daquele homem, uma dor de quem já não conseguia mais viver da realidade porque a doença já o tinha tomado a lucidez.

Entre histórias de um mundo imaginário e a tristeza de uma doença que rouba a distinção da fantasia e da realidade, aquele homem que eu não vou inventar um nome fictício e nem mesmo revelar seu real nome, me deu uma lição. Trocar a fita nunca foi sobre uma pressa de falar, mas uma pressa de entender que fitas gastas já não podem mais emitir sons ou imagens, é preciso trocar a fita para que

possamos voltar a nos encantar pelo novo. Trocar a fita é deixar o que dói no passado e nos permitir uma chance de viver o que somente uma nova fita pode proporcionar.

Eu precisei escutar não mais a voz da razão, mas a voz de quem já não tinha mais nada a me oferecer além do coração. Talvez ele nunca vá saber que me inspirou a seguir em frente ou até mesmo virou o motivo da minha escrita, mas eu sei que em algum lugar daquela imaginação, ele sabe que marcou alguém no coração.

E você, já trocou a fita hoje?



APRESENTAMOS A CRÔNICA

DONA CÍDINHA

Por Marta Kino

Mario Takao Inoue, nasceu em Presidente Prudente, SP, em 1946. Doutor pela Universidade de Hamburgo, Alemanha e pós-doutorado no Japão. Professor aposentado de duas universidades públicas. Recebeu prêmios no âmbito das ciências, ecologia, filosofia e literatura. Membro da Academia de Letras, Artes e Ciências do Centro-Sul do Paraná. Em 2020, iniciou a escrever crônicas e haicais. Foi vencedor do concurso literário "Foed Chamma", edição 2019, na categoria crônica. Tem três livros publicados e alguns escritos selecionados e publicados em antologias e concursos literários.



Quem não se lembra do primeiro dia de aula?

O ano era 1954. Eu iria completar oito anos de idade em setembro.

A escola foi construída em madeira, com piso elevado do solo, apresentando um amplo e profundo porão, possível de se entrar e ficar de pé, facilmente. O prédio era comprido, com salas de aula em ambas as fachadas, frontal e traseira, com varandas. Um amplo pátio na frente do prédio servia como local para os alunos se perfilarem e entoar os hinos todos os dias, antes do início das aulas. Servia também para as aulas de educação física e jogos coletivos. Pelo beiral da varanda frontal é que era tocado o sino, sempre por algum aluno, avisando que chegara a hora de se perfilar para o hino. Entoava-se o Hino Nacional Brasileiro, Hino da Independência, Hino do Paraná e Hino da Bandeira, que eu me lembro. Cada dia um hino. Cada dia um aluno diferente, escolhido dentre os que se destacavam nas aulas. Minha sala do primeiro ano ficava na parte dos fundos. Não eram muitos alunos por sala, talvez uns 20. Chamávamos as professoras por Dona. A minha primeira professora foi a Dona Maria. Mulher enorme e robusta, cabelos negros e rosto arredondado. A sua voz era potente que nem precisava se esforçar para chamar a atenção de algum aluno.

Ao chegar à sala de aula, a primeira coisa que fez, após a chamada nominal a que atendíamos com um “Presente!”, ela escreveu na lousa com letras bem grandes:

“A pata nada.”

— *Classe, leiam pra mim o que está na lousa.*

A classe inteira, exceto eu, entoou em uníssono:

— *A pata nada.*

Eu consegui apenas dizer:

— *A...*

Era a única letra que eu conhecia, até então.

Que vergonha! A partir daquele momento, decidi que nunca mais iria me submeter a tamanho vexame por falta de conhecimento.

O tempo passou. Eu também passei, garbosamente, para o segundo ano primário.

Agora, a classe ocupava a sala mais à direita da fachada da frente do prédio, onde a altura do porão era mais alta.

A minha professora foi a Dona Cidinha. Diminutivo no nome, certamente devido ao seu porte esbelto e baixo, tipo “mignon”. Jovem ainda, talvez casada, de rosto estreito, olhos negros e pequenos e cabelos meio crespos, penteados para trás, combinando com o formato do rosto. Lábios finos, sempre bem vistosos com o uso de um batom de cor vermelho vivo. Elegante, por baixo de seu guarda-pó impecável, estava sempre de vestido tradicional, um palmo abaixo do joelho. Era bonita e seu semblante revelava uma mulher firme e segura de si, com total domínio, não só da matéria como também de suas responsabilidades como educadora.

A Dona Cidinha foi a minha primeira paixão. A alegria era ir à escola para assistir à sua aula. Quantas vezes ela me flagrou olhando-a deslumbrado. Eu disfarçava rapidamente, mas depois de um tempo, lá estava eu de novo, babando e abraçando-a com os olhos. Ela também disfarçava, fazia que não havia percebido nada ou que minha paquera não a afetava. Volta e meia, eu a chamava para me explicar alguma coisa qualquer, apenas com o fito de vê-la mais de perto. Foi nessa época que já começava a se evidenciar o meu caráter de exibido e bagunceiro. Foram alguns puxões de orelha e reguadas na cabeça que ganhei da Dona Cidinha. Mas o importante era ela estar do meu lado. Outras vezes, ficava de castigo no canto da sala, ao lado do quadro negro. Quantas vezes o meu castigo era escrever 100 vezes uma determinada frase, do tipo “Eu devo me comportar na sala de aula”. Tal castigo era domiciliar. Para diminuir o trabalho de escrever repetidamente a mesma frase, eu amarrava dois lápis firmemente, formando um duplo, diminuindo pela metade o trabalho e o tempo para completar o castigo.

Final do ano letivo, liberado garbosamente para o terceiro ano primário, derradeiros momentos daquela paixão infantil.





APRESENTAMOS A CRÔNICA
O CRIME DO CINE MUNICIPAL

Por Marta Kino

Mario Takao Inoue, nasceu em Presidente Prudente, SP, em 1946. Doutor pela Universidade de Hamburgo, Alemanha e pós-doutorado no Japão. Professor aposentado de duas universidades públicas. Recebeu prêmios no âmbito das ciências, ecologia, filosofia e literatura. Membro da Academia de Letras, Artes e Ciências do Centro-Sul do Paraná. Em 2020, iniciou a escrever crônicas e haicais. Foi vencedor do concurso literário "Foed Chamma", edição 2019, na categoria crônica. Tem três livros publicados e alguns escritos selecionados e publicados em antologias e concursos literários.

O ano é 1960. Rapidamente, Giuseppe subiu na camioneta que já estava de prontidão na rua lateral próxima do Cine Municipal. Mais que depressa, Firminio Maguetta, capanga e mão direita de Giuseppe, acelerou em disparada rumo à direção sul da cidade.

Giuseppe Lanzo, homem culto e de pouca fala, liderava a jogatina em diversos pontos da cidade, ditos como “clubes” na linguagem dos frequentadores. Os clubes, que funcionavam a partir das 22 horas e encerrando quando o dia amanhecia, eram o reduto dos viciados em jogos, a maioria, de baralho. Os profissionais atuavam como gerentes dos clubes, todos alinhados sob a orientação direta de Giuseppe. A maioria dos frequentadores era homens da sociedade que tinham por hábito arriscar suas economias na ilusão de se tornarem ricos numa noite de grande boa sorte. Um desses jogadores era Baretta Carpaccio, viciado de longa data. Comerciante bem sucedido, era solteiro e pessoa de difícil relacionamento por ser um “pavio curto”. Nunca se casou porque era mulherengo e gostava da companhia de meninas de programa, das quais tinha uma boa coleção.

No caminho aonde a camioneta de Giuseppe se dirigia ficava a casa em que morava o comerciante viciado.

Giuseppe lembrou os antecedentes que o levaram ao drástico desfecho. Aquele jogador amador de índole estourada, embora sendo frequentador assíduo do clube, não havia aprendido a malícia da jogatina ao ponto de se tornar um profissional. Mas, em consideração à sua assiduidade, as dívidas resultantes de jogos perdidos foram sendo acumuladas num caderno de anotação. A dívida já beirava os 500 mil cruzeiros quando Baretta foi cobrado pela primeira vez. A negociata envolveu um pouco de dinheiro e a oferta dos serviços de suas amigas a alguns membros do clube, incluindo Giuseppe. Não obstante, a dívida continuava a se avolumar, ao ponto de atingir a casa dos milhões de cruzeiros. Cobrado, insistiu na recusar em fazer qualquer pagamento na forma de dinheiro. Este foi o estopim para que Giuseppe decidisse cobrar a dívida em sangue.

Planejou detalhadamente o intento com a ajuda de Firminio. Este encarregou-se de preparar o local onde se daria o desfecho, numa propriedade rural de Giuseppe localizada nos arredores ao sul da cidade, às margens do Ribeirão Três Bocas. Outros três capangas foram designados para, no dia marcado, assaltar e imobilizar Baretta em sua casa. O dia marcado era um domingo, quando o comerciante estaria descansando em sua residência.

Naquele domingo, o Cine Municipal estava exibindo o filme “Psicose”, de Alfred Hitchcock, em quatro sessões corridas a partir das 14 horas. Sendo o dia de estreia do filme, o afluxo de espectadores era grande, com acúmulo de pessoas na frente do cinema. Era o cenário perfeito para Giuseppe consagrar o seu álibi. Escolhera a sessão das 16 horas. Antes de adentrar, certificou-se de que a sua pessoa fosse devidamente notada pela maioria dos que estavam tentando conseguir um ingresso. Sendo uma figura bem conhecida na sociedade, não foi difícil registrar publicamente a sua entrada no cinema. Houve até um repórter que o fotografou, para o que Giuseppe até fez pose. Sendo amigo e colega de jogatina do gerente do cinema, havia combinado de ter a última fileira de poltronas inteiramente bloqueada. Por ser a mais próxima da saída lateral era invisível ao restante da plateia a qualquer movimentação.

Giuseppe esperou tempo suficiente para cessar o burburinho na entrada do cinema e saiu sorrateiramente pela porta lateral, cuidando para não ser notado. Após a porta, havia um longo corredor que saía diretamente na rua, onde Firminio o aguardava com a camioneta.

Em poucos minutos, chegaram à casa do Baretta. Os capangas já o tinham amarrado e aguardavam a chegada do mandante. Foi apresentado a Giuseppe, que se apressou em esclarecer uma vez mais sobre a dívida de jogo.

— *Então Baretta, vamos chegar a um acordo?*

— *Eu não estou afim de ajustar nada, não, Giuseppe.*

— *Vou dar mais uma chance. Pode vender a sua propriedade e saldar a dívida.*

— *Não quero saber de nada. E não vou pagar nada. Tudo é dinheiro sujo de jogo e vou denunciar você pra polícia.*

— *Já que é assim, vou fazer você pagar com sangue, seu vigarista.*

Baretta foi amordaçado e colocado na carroceria da camioneta e dois capangas subiram para acompanhar o comerciante. Rumaram diretamente para o sítio de Giuseppe, onde se daria o desfecho.

No que chegaram ao local, sem mais delongas, Giuseppe apontou seu revólver calibre 38 bem na testa do Baretta e disparou um primeiro tiro. Não houve nem tempo do Baretta se arrepender do que havia dito antes e caiu para trás como um fardo, morto. Giuseppe disparou mais três tiros no peito do homem caído para confirmar o ato, definitivamente.

Em seguida, todos apressaram-se em levar o cadáver até a beira do ribeirão, onde já tinham deixado uma debulhadora de milho bem próxima da margem. O corpo foi retalhado ali mesmo, no chão, com uso de machado para destrinchar os membros e outras partes com ossos, e facões para retalhar em partes menores, em tamanho o suficiente para abastecer a boca da debulhadora. O mais difícil foi a cabeça, que teve de ser esmagada com o machado. Conforme as partes iam sendo esmigalhadas pela máquina, os homens recolhiam numa bacia e jogavam no ribeirão. Naquela parte da propriedade, a água era profunda. Terminado o serviço, jogaram a debulhadora no ribeirão, que ficou completamente submersa. Apressadamente, limparam todo o terreno onde houvesse algum respingo de sangue ou carne, jogando tudo na água. Certificando-se que tudo estava limpo, adentraram os veículos e rumaram de volta à cidade.

Quando o carro de Giuseppe chegou à rua lateral do Cine Municipal já estava escuro, pois passava das 17:30. Tudo estava de acordo com o plano para que a chegada e reentrada dele pela lateral do cinema fosse tranquila com a certeza de não ser notado.

A sessão de “Psicose” terminou às 18:10.

Na saída do cinema, deliberadamente, Giuseppe mostrou-se ao público que saía da sala e também acenou escandalosamente para os que aguardavam a próxima sessão.

Por algum tempo mais, traíras e curimbatás continuaram a rodear a área cevada do ribeirão.



A dramatic landscape featuring a railway track that curves through a lush green field. The sky is filled with large, billowing clouds, with a bright light source breaking through in the center, creating a strong contrast and a sense of hope or revelation. The overall mood is contemplative and evocative.

APRESENTAMOS O CONTO

O ARBUSTO

Por Maurício Benedeti

33 anos, estudante e pesquisador. Um pseudointelectual que busca nas palavras uma forma de liberação de emoções ainda não atingida através da oralidade.

Tijolos à vista compunham as paredes retangulares, árvores de estatura mediana com muitas folhas estavam de um lado, enquanto árvores altas e bastante ralas de folhagem apareciam do lado inverso; arbustos não estavam no plural, havia apenas um deles a uma distância de um a dois metros do encontro entre duas das quatro paredes; a grama era extensa numa área de formato que se aproximaria de um triângulo isósceles no qual a base estendia-se por uma das paredes e os lados eram compostos de duas estradas de terra que se juntavam para seguir adiante; a terra preenchia as estradas e a fundação da morada humana, e o arame estava um pouco mais distante em forma de cerca, a fim de separar os animais dos animais; a luz estava em todos os cantos, exceto na sombra enquanto era dia.

Numa tarde de sábado, a grama serviu de base para um vasto conjunto de mesas e cadeiras de metal, sobre as quais apoiavam-se traseiros de tamanhos variados, além de comes e bebes passíveis de serem abocanhados sem a necessidade de talheres rígidos e copos requintados, respectivamente. Os conjuntos metálicos diferenciavam-se daqueles que os utilizavam por serem dobráveis; enquanto em sua forma ampliada preenchiam uma área de algumas dezenas de metros quadrados, quando recolhidos podiam amontoar-se no canto de um cômodo relativamente pequeno. O mais importante é que fossem protegidos das intempéries.

Em momentos festivos como o que acontecia naquela tarde, o encompridar das peças de mobiliário era necessária para suportar a expansão da euforia daqueles que momentaneamente inibiam a liberação do hormônio antidiurético. De forma semelhante, quando os sanitários estivessem livres da amargura alheia, as paredes do aposento vizinho seriam novamente tensionadas, agindo como fonte de proteção ante ferrugens adversas.

Crianças divertiam-se euforicamente umas com as outras e sozinhas. Havia muito a ser explorado por muitas delas que visitavam o lugar pela primeira vez. Mesmo as que lá já haviam estado sentiam a necessidade de acompanhar as debutantes por entre as aventuras inerentes ao ato de desbravar o verde, uma espécie de imposição de liderança semelhante à dos animais que urinam no perímetro territorial a eles pertencentes – ou então uma simples atitude de companhia solidária. A comunicação móvel ainda não

estava presente sobre as mesas. Crianças choravam copiosamente por ralados de joelho, beijos na relva, empurrões raivosos, cabelos esticados, e por serem crianças. Logo voltavam à balburdia organizada, sorriam à toa e brincavam até o próximo incidente ou até o fôlego infinito parecer subitamente evaporar.

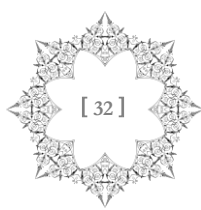
Num dos entreveros infantis, houve uma explosão unilateral. Após arremessar a bola laranja à esquerda do aro enferrujado erguido anos antes em algum canto daquele gramado, o esporádico aspirante à atleta foi interpelado de forma ríspida por outro bambino corajoso e inábil com a bola nas mãos. Ele dizia ser completamente inadmissível que uma pessoa que já havia vivido mais de uma década não fosse capaz de utilizar os braços de forma certa. Parte da frustração que o autointitulado melhor do time havia absorvido naqueles dias, fruto do recente nascimento de sua irmã, ocasionou efêmera poluição do ar que se deslocava numa direção constante. O alvo da fúria sentiu-se incomodado e quis responder à altura. O jogo seguiu, muitas cestas foram feitas por meninos e meninas, nenhuma delas por aquele que mais ansiava a glória, e acabou sem que alguém fosse capaz de apontar o resultado.

A noite entrou, e o silêncio, que a tarde já havia censurado uma angústia pueril, voltou a abarrotar aquele lugar que era seu todas as noites. Em meio ao sonho, aquele cenário ermo e vacilante era palco de um olhar temeroso e suscitava dúvidas. Deslocando o olhar para a direita a partir do centro do gramado, entrevia-se um espaço vago acima da calçada de tijolos que rodeava a casa – uma espécie de porta aberta sem limite superior – demarcado de um lado por uma parede e do outro por um arbusto já um tanto desgastado mas ainda ereto. Um transeunte que desejasse circundar a casa em sentido anti-horário – sob a perspectiva de um drone – haveria de passar por aquela área no momento de dobrar a esquerda e continuar o percurso. Não havia transeuntes, apenas o olhar fixo naquela área estreita.

Como o relógio abastecido de pilhas pouco confiáveis, cujos ponteiros se propõem a girar mas não garantem um resultado satisfatório para a atividade, ou seja, tornam incerta a consecução do próximo movimento angular, o espectador não avistava nada além de nada naquela direção, mas temia um deslocamento qualquer que coincidissem com

sua distração em meio ao relaxamento. O estado de atenção era contínuo e incapaz de conceder qualquer espaço à racionalidade. O desespero quase sufocante, ilusório em dois patamares, não era passível de mudança até um momento aleatório, imperceptível à temporalidade mensurável. Em um minuto se passavam dezenas de minutos de fixação no desconhecido, que era seu, mas não consciente, o que resultava na aceleração de seu coração incauto. As mãos do inexplorado amplificavam o desejo de colocar luz naquele bucolismo fantasioso, mas ainda era noite em ambas as dimensões, e os braços que as sustentavam não eram mais que dois frágeis gravetos. Só restava torná-lo tolerável.

A montagem se repetia sem um padrão. Toda a composição da cena se mantinha igual, em especial a angiosperma solitária, encravada naquela quina distinta, uma aspirante a árvore frondosa que não teve disciplina suficiente para perseguir o processo de amadurecimento. A exceção era o espelho a refletir aquele portal enigmático e apavorante, o qual dilatava de forma contínua e assimétrica e esmagava órgãos vitais e o que mais encontrasse nas redondezas para acomodar a culpa.



A dramatic landscape featuring a railway track that curves through a lush green field. The sky is filled with large, textured clouds, with a bright light source breaking through in the center, creating a strong contrast and a sense of depth. The overall mood is contemplative and evocative.

APRESENTAMOS O CONTO
SUJEITOS IMPLICADOS

Por Prila Leliza Calado

Prila Leliza Calado é professora da Universidade Federal do Paraná, natural de Curitiba. Gosta de viajar, de observar a natureza, ler, escutar música e estar em constante aprendizado.

Era um dia especial. Afinal, não é em qualquer dia que se compra o primeiro apartamento. Ainda mais se a pessoa é professora. E Alice era. Trabalhava com paixão. Aquele dia era para ela como uma coroação por todo o trabalho que já havia feito, todas as escolas em que havia estado, todos os alunos que havia encontrado. O sentimento mal cabia dentro dela e seu sorriso também não o escondia. Chegou mais cedo na escola e foi à sala dos professores. Só Laura estava lá dentro. Na verdade, Alice e Laura não eram amigas, longe disso, não conversavam sobre nada em especial. Só o trivial. “Oi, tudo bem?” “Tudo e você?” “Tudo Graças a Deus.” “Quantas aulas hoje?” “Até às dez e meia.” “Que beleza, pelo menos descemos juntas, odeio pegar aquele elevador sozinha!” “Hahaha beleza, te encontro no corredor, boa aula.” “Pra você também.”

Mas naquele dia, na sala dos professores, a conversa fluiu. Além de conversarem sobre o apartamento recém comprado, falaram de Minas Gerais e Uberlândia, cidade natal de Laura, falaram sobre namorados, sobre salário, sobre aulas, sobre aniversários e descobriram que haviam nascido no mesmo dia! E, de repente, parecia que se conheciam desde sempre. Vieram encontros em bares, lanches na feirinha, aniversários, indicações para emprego e uma boa amizade. Daquelas amizades que não é necessário estar sempre junto, falar todo dia, sair toda semana. Era uma amizade que parecia muito antiga e que quando Alice e Laura se encontravam, parecia que nunca haviam se afastado.

Eram professoras de inglês. Alice admirava muito Laura, pelo jeito que falava o idioma e pronunciava as palavras, pelas aulas que dava, pelo jeito dela trabalhar e organizar suas coisas. Era, na verdade, uma admiração não pelas características de Laura, mas porque Alice enxergava em Laura tudo o que ela também era: dedicada, caprichosa com os materiais, comprometida com a escola e com os alunos. Eram muito parecidas, até os cabelos, cacheados. Laura um dia apareceu com um vestido igual a um que Alice havia comprado recentemente. Alice não disse nada, mas pensou impressionada: “Até nosso gosto por roupas é parecido!” E admirava Laura também pela risada. Que gargalhada gostosa! Era tão natural, tão feliz! E como elas riam. Riam das histórias dos outros professores, do tamanho do sanduíche diferente da imagem no cardápio, das

piadas que o garçom contava, do sotaque de mineirinha da Laura e do sotaque de paranaense da Alice. Era realmente uma amizade que não tinha explicação, nem sobre como nasceu nem sobre como ela crescia.

Um dia Alice viajou para fora do país por conta de uma bolsa estudos que havia conseguido. E com a viagem veio também a pandemia. Uma coisa de louco que deixou todo mundo meio sem saber o que fazer, para onde ir; na verdade, não se podia ir a lugar algum. Em meio a tantas incertezas Laura e Alice mantiveram contato virtual e se falavam sempre. Nos Estados Unidos, onde Alice estava, algumas coisas aconteciam quase que do mesmo jeito que no Brasil. Gente atacando qualquer pessoa oriental, xingando de chinês maldito e culpando os morcegos que eram comidos vivos pela crise sanitária, gente se recusando a usar máscara e sendo retirada do ônibus, gente dizendo que a terra era plana e que não se vacinariam contra a doença porque as vacinas implantariam um chip nelas. Enfim, foi um ano em que as teorias conspiratórias mais absurdas surgiram; um ano em que a ciência precisou gritar para ser ouvida, mas nem sempre conseguia.

Alice estudava tradução e escravidão. Quanto mais pesquisava, mais se apaixonava pelo tema e ficava cada vez mais certa de que a escravatura, mesmo depois de mais de um século da abolição, era responsável pelas mazelas sociais tanto de seu país quanto do país que visitava. George Floyd, Breonna Taylor, Trayvon Martin, Ahmaud Arbery, Evaldo dos Santos Rosa, João Alberto Silveira Freitas, os meninos Pedro e Miguel... eram tantos casos e tão parecidos, vítimas do racismo estrutural nos Estados Unidos e do racismo velado no Brasil. A pesquisa de Alice não se concentrava nesse aspecto social imposto pela escravatura colonial, mas era impossível não refletir sobre o assunto, não se revoltar com as tragédias.

Em meio à solidão do rígido lockdown estadunidense, Alice recebeu uma mensagem de Laura. “Amiga, sua doida, como estão as coisas por aí? E sua pesquisa? Conseguindo render? Mande notícias bjs”. “Laura, querida, tudo tranquilo, por aqui não posso fazer muita coisa, então estou me forçando a escrever, então sim, a pesquisa tá rendendo bastante! E vc, td susse aí? Como tá na escola?” “Aqui aulas online, td remoto, confesso que precisei me atualizar, mas ainda bem q não mandaram ninguém embora. O

q vc estuda msm?” “Tradução e escravidão em um romance norte-americano.” “Uau, q interessante, fale mais!” Depois de contar algumas ideias da pesquisa, Alice sentiu algo que não sabia se era decepção, vontade de bater a cabeça da Laura na parede, vontade de sumir ou tudo junto... “Nossa amiga, muito legal seu estudo mas, sabe, eu tenho minhas teorias sobre esses assuntos, nada muito aprofundado né, mas pra mim esse negócio de cota pra preto por exemplo, cara, isso é tão ridículo. Eu fico indignada. Acho q não tem nada a ver, eu não apoio isso não. Só pq esses preto ficam se fazendo de vítima, a gente é q paga o pato, querem vaga, vão estudar pra ver o quanto é difícil ...”. Foi um soco no estômago, uma pancada forte para Alice. Como uma pessoa tão legal, divertida, inteligente, trabalhadora podia pensar daquele jeito, como podia falar daquele jeito? Como tanto tempo se passou e ela não percebeu que Laura, sua amiga, tão querida, era, na verdade, preconceituosa e racista ao extremo? Na hora ela tentou conversar sobre a política de cotas e explicar a necessidade dessas ações sociais, principalmente em um país tão desigual como o Brasil, mas foi em vão. Laura mal continuou a conversa: “Alice, minha flor, tenho que logar para começar outra aula, depois a gte se fala, bj”. O dia simplesmente parou para Alice, ela não conseguiu mais ler, escrever nem se concentrar no que precisava fazer. Pensou em escrever mais mensagens para continuar a conversar, tentou gravar mensagem de áudio mas interrompeu, pensou em fazer uma ligação de vídeo, pensou em recomendar um livro que recentemente havia lido, sobre o sujeito implicado na contemporaneidade por todas as catástrofes sociais já ocorridas, dentre elas a escravidão. Ao mesmo tempo sentia uma repulsa, uma decepção, uma vontade de se afastar de alguém tão ignorante e estúpida. Como não havia percebido antes? E assim o dia terminou, decepcionante, repulsivo, desanimado.

Alice demorou a digerir aquelas palavras. Algumas semanas depois Laura enviou outra mensagem, pedindo que Alice trouxesse uma garrafa toda cheia de frescuras para ela. Alice disse que procuraria, e realmente procurou. Até encontrou. Em várias lojas. De várias cores. Cores. Não conseguia esquecer da energia negativa que sentira naquelas palavras... “cota pra preto, esses preto...”. Sempre que via a garrafa até pegava, olhava o preço, mas não comprava. Quando entrava em uma loja ou farmácia procurava pela

garrafa, mas não levava. Sentia uma raiva. Sentia que se não comprasse estaria castigando Laura de alguma maneira. Obviamente não estaria. Mas queria. Castigá-la por ser tão estúpida, ignorante, estreita, superficial. Como não havia notado antes?

Alguns meses se passaram e Alice voltou ao Brasil. Havia parado de falar com Laura tão frequentemente. “Alice *sweetie*, quando vc volta? Vamos marcar alguma coisa qdo voltar, quero saber da viagem, bjo”. “Voltei há duas semanas, não estou saindo, a pandemia tá pegando fogo e ainda não chegou a minha vez de tomar vacina”. No fundo, queria perguntar: “Não vá me dizer que além de racista e preconceituosa você também não acredita na ciência?” Mas estava cansada. Cansada de ler tantas notícias sobre gente antivacina, gente reacionária que dizia que se morrer é porque Deus quis, e que a liberdade está acima de qualquer coisa. Não escreveu nada. Nem precisou, a resposta veio depois de alguns minutos: “Th menina, vc tá esquentando com isso msm? Esse coronga só pega velho e quem tem problema de saúde, relaxa!” Dessa vez Alice não se surpreendeu com a postura de Laura. Nem com o que lera na sequência: “Queria conversar com vc, te contar sobre uma tradução que fiz, peguei o trabalho só pq tava precisando de dinheiro... fala sobre uma teoria meio bizarra dos sujeitos implicados, cara, vc tem que ver... o autor acha que todos nós temos algum tipo de responsabilidade pelo que aconteceu no passado, como por exemplo o Holocausto na Alemanha ou a escravidão em diversos países... quando comecei a traduzir lembrei de vc, mas achei tão absurdo, duvido que fosse servir pra alguma coisa na sua pesquisa... imagina, que que a gente tem a ver com uma coisa que aconteceu lá em 1600?”.





APRESENTAMOS O POEMA

EU SOU!

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Acadêmica da A.I.S.L.A, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!

Sou poesia, brisa macia

Sou mulher que te encanta

Menina da ciranda

Seu olhar a mim cativo

Seu corpo a me desejar

E eu brincando de viver

Nem penso em amar

Sou liberdade, sou filha da lua!

Sorriso profundo

De quem sabe o que quer

Sou única, sou mulher indomável

Se me quiser, se arraste aos meus pés.



APRESENTAMOS O POEMA

O AMOR

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Acadêmica da A.I.S.L.A, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!

O amor é mistério

Para muitos inspira o medo

E aos apaixonados surge

Na plenitude de um beijo

Nessa vida tão difícil

Um momento especial

Quando os olhares se cruzam

Num sentimento sem igual

Amor infinito envolve

Duas vidas tão diferentes

É o sonho de estranhos

E também é sonho da gente

O amor se auto explica

É incrível e peculiar

Às vezes também machuca

Aqueles que não sabem amar

Do que resta no infinito

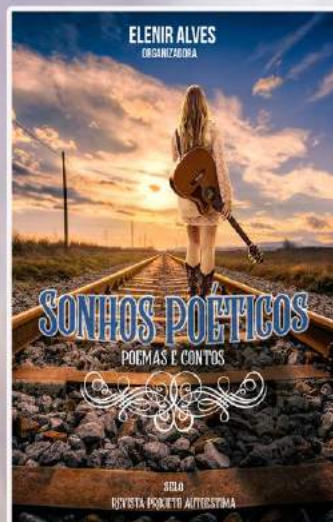
Além do amor a Deus

Nas solitárias noites

Sonhar que seu amor é meu!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

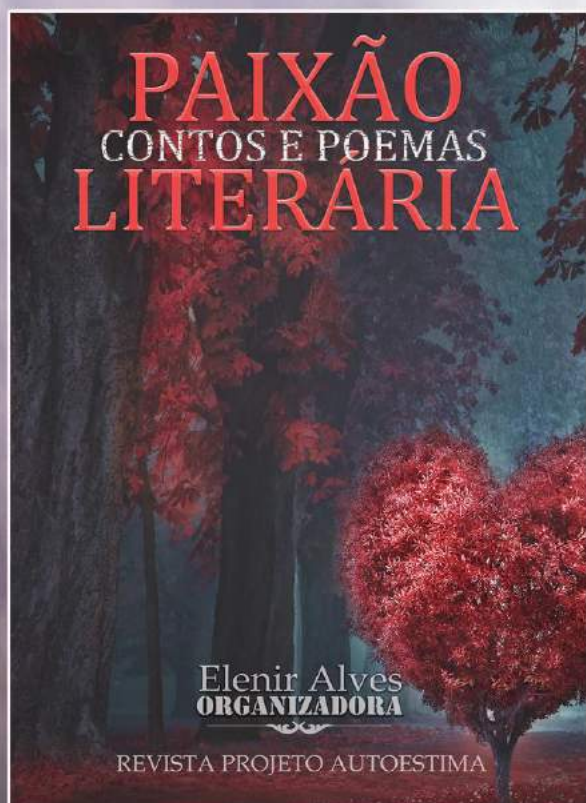
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI